

CURRÍCULOS *PENSADOSPRATICADOS* E SEUS ENTRE-LUGARES: O COTIDIANO ESCOLAR COMO *ESPAÇOTEMPO* DE NEGOCIAÇÃO E TESSITURA

Rafael Marques **Gonçalves** – ProPEd-UERJ

Agência Financiadora: CAPES/Proex

Resumo

O presente texto apresenta noções com as quais problematizamos os *entre-lugares* dos currículos *pensadospraticados* no/do cotidiano escolar, *espaçotempo* onde apostamos na emergência de *fazeressaberes* tecidos nas múltiplas redes de conhecimentos, significações e políticas, que possam problematizar o currículo oficialmente proposto/prescrito. Interrogar a elaboração curricular cotidiana nos permite pensar os currículos como espaço de negociação, ambivalência e fronteira em que se encontram e dialogam diferentes culturas e experiências sociais. Tomamos como suporte a pesquisa no/do/com o cotidiano e o trabalho com as narrativas cotidianas, na busca de *percebersentir* as realidades sociais a partir de sua complexidade e dos inúmeros (des)encontros entre o falado, o percebido e o praticado. Vamos acreditar que a legitimação dos currículos *pensadospraticados*, seus usos, práticas e táticas são cada vez mais necessárias para o cenário da pesquisa educacional, por auxiliar na defesa dos currículos como criação cotidiana pressupondo o desinvisibilizar dos aspectos culturais que envolvem sua negociação e tessitura.

Palavras-chave: Cotidiano escolar; Currículo; Entre-lugar; Cultura;

CURRÍCULOS *PENSADOSPRATICADOS* E SEUS ENTRE-LUGARES: O COTIDIANO ESCOLAR COMO *ESPAÇOTEMPO* DE NEGOCIAÇÃO E TESSITURA

*“Muita gente pequena, em muitos lugares pequenos,
fazendo coisas pequenas mudaram a face da terra”.*

(Provérbio africano)

Atualmente, presenciamos um intenso debate acerca das noções de currículo e sua interface com o cotidiano escolar. Debate que, impulsionado pela proposição da Base Nacional Comum (BNC), ganha contornos cada vez mais necessários para conversarmos sobre o currículo e cotidiano escolar, como um *espaçotempo* de produção de políticas curriculares, para além da interposição prescritiva de elementos e conteúdos.

Para alguns, a criação de uma BNC poderá promover melhor equidade e com isso ampliar a promoção da qualidade da educação, tendo em vista que empunha a determinação dos direitos de aprendizagens, num certo entendimento de que o direito de aprender é o direito de aprender aquilo que se toma como primordial, face a definição de diretrizes e metas universais, entre outros fatores, que sustentam sua afirmação e elaboração.

O que entra em jogo, na contramão do discurso original da proposta, é que ao propor uma BNC para o país, estaríamos desvalorizando *fazeressaberes* calcados em *artes de fazer* distintas e nas relações que sujeitos *praticantespensantes* desenvolvem em seus cotidianos, tendo em vista ainda que a proposta inicial da BNC define a prática currículos que atendam parâmetros das avaliações em larga escala e outros.

Valendo-nos da noção de que todas as práticas são políticas e vice-versa, compreendemos que o currículo, especificamente os *currículos pensadospraticados* (OLIVEIRA, 2012) nos cotidianos escolares, colocam em movimento dinâmicas contra-hegemônicas que, em muitas das vezes, são invisíveis aos modos estabelecidos de legitimação do conhecimento.

A ideia de trabalhar com os *currículos pensadospraticados* atua na busca de evidenciar ações sensíveis e criadoras de processos educativos emancipatórios em diferentes dimensões da escola, como nas salas de aula e nas conversas com/entre professoras.

Face ao exposto, nos propomos a desenvolver uma pesquisa de doutorado, em uma escola municipal da Zona da Mata do estado de Minas Gerais, na qual assumimos o objetivo de trazer para o campo das políticas de currículo, práticas e conversas de professoras em situações de trocas de experiências e conhecimentos. Estas versam sobre aspectos da escola, da vida e também sobre as orientações curriculares do município onde está inserida a escola, seus pressupostos teóricos, bem como sobre as maneiras com as quais a orientação é trabalhada em seus cotidianos escolares, compreendendo e

ressignificando as diferentes possibilidades de *usos* da orientação curricular, que possam assim criar *táticas* (CERTEAU, 1994) e trajetórias de ensino que problematizem e enriquecem o currículo oficialmente proposto/prescrito.

Compreendendo que os currículos emergem a partir do trabalho coletivo de seus praticantes, Ferraço (2004) nos auxilia trazendo à tona a noção de que quando entendidos como sujeitos mestiços, tais sujeitos re/inventam *ambientes movediços, entre-lugares* nos territórios escolares, onde são possibilitados movimentos de fuga frente a identidades culturais e políticas assumidas como naturais e fixas. Daí decorre a necessidade de re/vivermos estes momentos de mestiçagem no cotidiano escolar, em cujos processos criativos podem ser vivenciados movimentos democráticos de cooperação e de solidariedade.

Buscamos perceber que nos currículos *pensadospraticados* emerge o que se pode entender como *entre-lugar* (BHABHA, 1998). Este em permanente negociação, a promoção de discursos e práticas “para além” de supostas noções universais e que também une dois aspectos – o do fazer e o do saber – comumente dicotomizados pela ciência moderna, são tecidas redes de conversações e significados que problematizam e trazem consigo facetas (in)visibilizadas de relações e processos de criação curricular onde são tensionados aspectos ligados a democracia, a cidadania e a justiça cognitiva em redes outras de conhecimentos.

Caminhar pelos *entre-lugares* nos/dos currículos *pensadospraticados* nos cotidianos escolares nos exige um movimento complexo e dinâmico. Para tal movimento, tomamos a perspectiva *teórico-político-epistemológico-metodológica de compreensão do mundo* (OLIVEIRA, SGARBI, 2008), na qual as pesquisas nos/dos/com os cotidianos escolares buscam *percebersentir* as realidades sociais a partir de sua complexidade e dos inúmeros (des)encontros entre o falado, o percebido e o praticado.

Mergulhar nas conversações e nas narratividades delas derivadas têm valor no que está vinculado ao que se entende como obra realizada, ou seja, as conversas e narrativas na ajuda a expressar as vivências dos docentes, constituindo-se, assim em fonte das experiências da pesquisa. Portanto, depreende-se daí sua potência para organizar em torno de si uma pluralidade de pensamentos concorrendo para a constituição do projeto coletivo.

As noções dos currículos *pensadospraticados* e de *entre-lugar* são relacionadas à visão e ao modo como os sujeitos praticantes posicionam-se diante das relações de

poder e como realizam táticas para seu empoderamento, mesmo que estes movimentos estejam invisibilizados e/ou ignorados pelos saberes hegemônicos. Acreditamos, assim, que, por se tratar por espaços outros e legítimos de produção de encontros, a busca e o entendimento dos *entre-lugares* na tessitura curricular pode auxiliar na desinvisibilização das potências tecidas coletivamente pelos sujeitos praticantes.

Especialmente dentro da visão crítica do pensamento de Homi Bhabha, destacamos o trabalho fronteiro da cultura, que requer um encontro com “o novo” que não seja mera reprodução ou continuidade de passado e presente. Ele renova e reinterpreta o passado, reconfigurando como um *entre-lugar* contingente, que inova, interrompe e interpela a atuação do presente.

O horizonte hermenêutico e de intervenção social de Bhabha a partir da possibilidade de “negociação” da cultura, ao invés de sua “negação”, comum nas posições dicotômicas, pode atuar junto com a noção das *Sociologias das ausências e emergências* (SANTOS, 2010), no sentido de exacerbar uma temporalidade forjada nos *entre-lugares*, o que torna possível conceber a articulação de elementos antagônicos ou contraditórios.

Desse modo, pensamos ser necessário considerar os *entre-lugares* dos currículos como dimensões de intensificação de encontros onde se praticam, em movimentos de negociação e interpenetração permanente de proposições, entendimentos e possibilidades emancipatórias.

No desenvolvimento da pesquisa, inicialmente citada, vamos percebendo que o currículo se situa na articulação entre a escola e a cultura, ou seja, a escola é, ao mesmo tempo, produtora e reprodutora da cultura na sociedade em que ela se situa, trazendo em seu cotidiano as contradições, conflitos, referências identitárias e movimentos de diferença que fazem dela – e também de suas tramas curriculares – um campo de contestações e de conflitos, ou como anuncia Arroyo (2011), um território em disputa.

Arroyo (2011) afirma que focalizar o currículo como um espaço de disputa e (re)produção de culturas, políticas e práticas, é percebê-lo como um *espaçotempo* onde vivenciamos e negociamos sentidos que fazem com que nossas redes de conhecimentos, tecidas cotidianamente, possam ser percebidas como práticas potentes de aspectos políticos. Desta maneira, perceber os currículos *pensadospraticados*, nos tempos atuais, aproxima-nos da noção de que sentir o currículo como criação cotidiana pressupõe trazer à tona as variadas formas como este é tecido.

Os aspectos teóricos apresentados vêm nos auxiliando a interrogar a elaboração curricular cotidiana, permitindo que se pense no currículo como *entre-lugar*, como espaço de negociação, ambivalência e fronteira em que se encontram e dialogam diferentes culturas e experiências sociais. Diferentemente da ideia de fechamento e determinação, o currículo se revela como parcialidade, mutabilidade, criação e dinamismo, sendo a produção curricular entendida tanto como construção em embates quanto também como negociações políticas que se dão não num espaço de elaboração consensual, mas de projetos em disputas por uma hegemonia, ainda que provisória ou instável.

Alves *et ali* (2004, p 57) nos lembra que “o movimento hoje necessário não é fazer uma proposta curricular em rede, mas sim fazer emergir as tantas redes trançadas cotidianamente nas nossas escolas e que, na maioria das vezes, ficam submersas”. Portanto, temos buscado seguir as tramas do cotidiano da escola pesquisada, a fim de fazer emergir os *fazeressaberes* tecidos nas múltiplas redes de conhecimentos, significações e políticas.

Seguimos ainda reconhecendo que não podemos desprezar a dimensão político-ideológica da escola como espaço de contradições e de múltiplas interferências e saberes. Ou seja, vamos entender que as propostas curriculares são contaminadas pelas formas de inserção social, história, crenças e valores das professoras que atuam nas salas de aula, transformando, continuamente, os currículos e a tentativa de compreendê-los como currículos *pensadospraticados* nos entre-lugares do cotidiano escolar.

Acreditamos que a legitimação dos *espaçostempos* escolares e da tessitura dos currículos *pensadospraticados*, onde tantos sujeitos se enveredam em usos, práticas, táticas e relações de trocas de *saberesfazeres* são cada vez mais necessárias para o cenário da pesquisa educacional, assim a compreensão dos currículos como criação cotidiana pressupõe compreender os aspectos culturais que envolvem sua tessitura e prática.

Retomando a discussão com a qual abrimos o texto, acerca da BNC, apostamos que esta pesquisa pode contribuir para a promoção de uma problematização acerca da criação de um currículo comum, tendo em vista que ao percorrermos os caminhos de tessitura de currículos no cotidiano escolar, estamos indo ao encontro da autonomia intelectual de se fazer escolhas, ou seja, eleger entre o prescrito e o possível, a melhor ou mais viável, a arte de trabalhar e sentir o processo de *ensinoaprendizagem* de forma local.

As possibilidades de desinvisibilizarmos a manifestação das identidades culturais não hegemônicas com o cotidiano escolar, poderão fazer com que a proposição de uma base comum possa apresentar de fato zonas comuns de compreensão, da prática curricular, mesmo que inicialmente dentro do universo da escola onde desenvolvemos esta pesquisa. Ressaltamos ainda que, a manifestação e o diálogo entre as diferentes *artes de fazer* cotidianas, necessitam obter espaço privilegiado na discussão de uma base nacional onde exista o discurso do que aparenta ser comum, ou ainda, o que se espera ser comum ao *ensinoaprendizagem* e aos currículos.

Referências:

ALVES, Nilda, *et all.* (orgs). **Criar currículo no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2004.

ARROYO, Miguel. **Currículo, territórios em disputa**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. *As práticasteóricas* de professores e professoras das escolas públicas ou sobre imagens em pesquisas com o cotidiano escolar. **Currículo sem Fronteiras**, v.7, n.2, pp.78-92, jul-dez 2007.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DPetAlli, 2012.

_____.; SGARBI, Paulo. **Estudos do cotidiano e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2010.